

RESENHA DE LIVRO

“Judith Butler e a Teoria Queer”, de Sara Salih.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**.
Rio de Janeiro (RJ): Autêntica, 2015.

Juliana Torres Piresⁱ
Mestranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

ⁱEndereço institucional: Rua
Marquês de São Vicente, n. 225.
Edifício da Amizade, ala Frings,
sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ,
Brasil. CEP: 22451-900.
Endereço eletrônico:
Julianatorres-p@hotmail.com

Judith Butler é considerada uma pensadora contemporânea instigante e provocativa, pois questiona e perturba a forma como pensamos o sexo, a sexualidade, o gênero e a linguagem. Para além dos estudos de gênero, dos estudos gays e lésbicos, da teoria feminista e da teoria queer, a obra de Judith Butler tem atraído estudiosos e estudiosas de filosofia, política, direito, sociologia, mais recentemente na geografia, entre outros campos científicos. A autora não se preocupa com rótulos nem se filia a escolas de pensamento, e sim lança mão, com perspectiva e ousadia, de teorias e conceitos de distintas matrizes para formular suas perguntas e importunar noções consideradas consagradas.

Neste livro, Sara Salih constrói um ponto de partida para iniciar uma leitura de Judith Butler, sem a pretensão de simplificar o seu pensamento e menos ainda de substituir a leitura de seus textos. Salih analisa a leitura de Butler em ordem cronológica, acompanhando alguns de seus mais importantes trabalhos e se concentra no que poderia ser considerado como as cinco principais áreas de seu pensamento: o sujeito, o gênero, o sexo, a linguagem e a psique, ainda assim, nenhuma delas fica restrita a um capítulo. É possível perceber que a escrita de Butler assume uma relação dialética, de maneira que os temas apresentados em um texto são debatidos, retomados, reanalisados e revistos nos seguintes. O livro é essencial para aqueles

que buscam se aproximar das obras de Judith Butler.

Essas são algumas das provocantes questões que Butler coloca ao longo de suas obras: Quem se constitui como sujeito? O que conta como uma vida? O que acontece se nossas identidades não são “bem-sucedidas”? Os fracassos podem proporcionar oportunidades para reconstruções subversivas de identidade? O que simplesmente se consolida como poder? Tais questões não são respondidas de forma conclusiva, mas a autora lança outras perguntas levando seus leitores a refletir sobre a fixidez de suas concepções sobre os temas abordados.

Em um primeiro momento do livro, Salih inicia com uma pergunta: Por que Butler? Butler entrou na filosofia em 1980 e seu primeiro livro teve como foco o impacto da obra de Hegel sobre os filósofos franceses do século XX. Seus livros têm como fundamentos teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas que norteiam suas abrangentes formulações sobre identidade. É evidente o quanto que os aspectos da “formação do sujeito” preocupam a autora, principalmente quando se trata de suas teorizações sobre identidade “generificada” e sexuada, que têm sido as principais intervenções nos campos acadêmicos.

A maioria das obras de Judith Butler, se não todas, levantam questões sobre identidade e subjetividade, analisando os processos pelos quais nos tornamos sujeitos ao assumir identidades sexuais/ “generificadas”/racializadas que são construídas para nós e por nós no interior das estruturas de poder. Empenhada em questionar “o sujeito”, se questiona a partir de quais processos o sujeito vem a existir, através de que meios são construídos e se essas construções são bem-sucedidas ou não, como é demonstrado no capítulo 1, intitulado “O Sujeito”. Sendo assim:

O sujeito de Butler não é um indivíduo, mas uma estrutura lingüística em formação. A “sujeitidade” [“subjecthood”] não é um dado, e, uma vez que o sujeito está sempre envolvido num processo de devir sem fim, é possível reassumir ou repetir a sujeitidade de diferentes maneiras. (SALIH, 2015, p. 11)

Ao compreender a formação do sujeito como um devir, ou seja, deixando claro que esse processo de formação está continuamente em aberto e em construção,

Butler se indaga: como podemos identificar o que é subversivo e o que simplesmente consolida o poder? No que tange às formas de construção e reconstrução subversivas e não subversiva de identidade, coloca a preocupação de que as consolidações dessas identidades acabam se formando de maneira opressiva. A ideia de processo ou de devir é crucial para compreender as teorias de Butler, as quais têm sua base na noção hegeliana de dialética, que é discutida no capítulo 2, intitulado “O Gênero”. Sendo assim:

Na dialética, propõe-se uma tese que é depois negada por sua antítese e resolvida numa síntese. Essa síntese ou resolução não é, entretanto, final, mas serve de base para a próxima tese, a qual mais uma vez leva a antítese e à síntese até que todo processo se inicie novamente. No modelo dialético de Butler, o conhecimento avança através da oposição e da negação, nunca alcançando uma certeza “absoluta” ou final, mas simplesmente propondo ideias que não podem ser fixadas como “verdades”. (SALIH, 2015, p. 12)

Butler tem uma maneira peculiar de tratar de certas temáticas, o que incomoda muitos de seus leitores pelo fato das questões levantadas não serem respondidas e nem os problemas resolvidos, devido a autora considerar a dialética como processo em aberto, com múltiplas possibilidades de concretizações. De fato, Butler vê a “resolução” como *perigosamente antidemocrática*, pois “ideias e teorias que se apresentam como “verdades” autoevidentes são, com frequência, veículos para pressupostos ideológicos que oprimem certos grupos sociais, principalmente minorias.” (p. 13). Um grande exemplo disso, para a autora, são as noções conservadoras que consideram a homossexualidade como algo anormal, como imprópria, contra a natureza, algo a ser proibido e punido. Essas atitudes são consideradas “verdadeiras” e “corretas” em algum sentido, provavelmente religioso, moral e ideológico, mas Butler insiste em deixar esses termos à mostra, a fim de sujeitá-los à interpretação e à contestação. Tais termos são referentes a categorias de identidade como “gay”, “hétero”, “bissexual”, “transexual”, “negro”, “branco”, também às noções como “verdade”, “correto” e “norma”. De certo, a autora trata a identidade como um processo sem fim e um devir.

Muitos teóricos influenciam os debates de Butler, dentre eles podemos citar Hegel, como já mencionado, analisando a recepção da *Fenomenologia do Espírito* por duas gerações de filósofos franceses. Um desses filósofos é Michel Foucault, que fornece a Butler um quadro teórico para suas próprias formulações de gênero, sexo e sexualidade, consideradas como entidades fluidas, construídas, visto que o filósofo francês analisa as construções mutáveis do sexo e da sexualidade em diferentes sociedades. Outro filósofo também francês que influencia a teoria da formulação dos sujeitos complementando-a às teorias linguísticas é Jacques Derrida. Segundo Derrida para a formação do sujeito em processo ser compreendida, deve ser analisada em contextos discursivos específicos. O filósofo descreve o significado como um “evento que ocorre numa cadeia citacional sem origem ou fim, uma teoria que, de fato, priva os falantes individuais do controle sobre suas enunciações.” (p. 16). Butler considera a linguagem ideia-chave para a compreensão do(s) sujeito(s), desenvolvendo no capítulo 4 tais inquietações.

A importância dos dois filósofos na obra de Butler é fundamental e por causa disso muitas pessoas a identificam como pós-estruturalista. Claro que além de ser influenciada pelos pensamentos pós-estruturalistas, existem outras influências também muito importantes na obra da autora, em particular, a teoria psicanalítica, a teoria feminista e a teoria marxista. A autora, que foge de rótulos, não se auto declara alinhada à nenhuma linha teórica específica, mas tem afinidades com essas teorias e com seus projetos políticos, fazendo combinações muito promissoras com sua forma de pensar.

Para falar de Performatividade no capítulo 3, a autora também dialoga com Jacques Derrida desfazendo a distinção sexo/gênero e argumenta que “não há sexo que não seja já e, desde sempre, gênero.” (p.89). Para ela, todos os corpos são “genericados” desde o começo de sua existência social, sendo gênero algo que fazemos e não algo que somos. Gênero é sempre um fazer, o gênero demonstra ser performativo, e a linguagem e o discurso que fazem o gênero.

Nos anos 1980, quando Butler mergulha no campo teórico filosófico, a teoria feminista começava a questionar a categoria “sujeito feminino” como uma entidade estável e evidente. Muitas teóricas, influenciadas por Foucault, rejeitavam a ideia de

que o sexo era uma entidade biologicamente determinada. Para analisar a mulher como um termo-em-processo, podemos considerar que Butler teve uma longa conversa com Simone de Beauvoir, através de sua obra *O Segundo Sexo*, na qual a filósofa existencialista questiona a sujeição da mulher na sociedade patriarcal, onde o discurso é construído sobre a inferioridade “feminina” ser tratada como destino biológico. Sendo assim, Butler amplia o pensamento de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” (2009, p. 361), sugerindo que “mulher” é algo que “fazemos” mais do que algo que “somos”.

No capítulo 5, intitulado “A Psique”, Butler dialoga com Hegel, Nietzsche, Freud, Foucault e Althusser. A autora afirma que a formação do sujeito é, simultaneamente, um processo de anulação, superação e preservação (*Aufhebung* ou supressão). Para ela, não existe nenhuma identidade social sem sujeição, “o sujeito está passionalmente preso à lei ou à autoridade que o sujeita.” (p. 165). Sendo assim:

Mais uma vez, as identidades são assumidas através do repúdio, da culpa, e da perda, e é impossível fugir das estruturas de poder nas quais a formação-de-sujeito se dá ou transcendê-las. (SALIH, 2015, p. 165)

Em seu livro *A vida psíquica do poder* (2017), Butler mergulha profundamente nas teorias da sujeição, argumenta também que os sujeitos estão presos às estruturas de poder que os subordinam, dessa maneira, demonstra o potencial que a psique tem de fazer o poder se voltar contra si mesmo. Se apropriando da citação de Beauvoir (2009), Butler afirma que ninguém nasce sujeito, mas, em vez disso, se torna sujeito ao se submeter ao poder. Sendo assim, a autora descreve como a proibição e o repúdio são funções propositadamente investidas de estruturas de poder que contêm o potencial para sua própria subversão.

Na parte final do livro, intitulada “Depois de Butler”, Sara Salih procura apresentar um breve levantamento dos trabalhos recentes de Judith Butler juntamente com uma discussão sobre as formas exclusivas pelas quais seu pensamento tem sido influente. Salih passa por vários teóricos que continuam e passaram a influenciar Butler em suas obras pretéritas e novas. Este livro certamente não procurou fornecer respostas para os questionamentos e problemas apresentados por Butler, mas o

objetivo foi de revelar novas formas, talvez até mesmo radicais¹ de pensar a diferença, mesmo que isso implique se sujeitar, se render, à inquietação e ao desconforto que Butler, nas palavras de Salih, “considera como parte crucial do processo de pensar criticamente.” (p. 210).

Recebido em 12 set. 2018

Aceito em 7 nov. 2018.

¹ Relativo ou pertencente à raiz ou à origem; original.